

Aluno (a): _____

Escola: _____

Data: ____/____/____

Ano de Escolaridade: **5º Ano.**

Professor (a) _____

Disciplina: **História**

Semana 25: de 09 a 13 de Agosto de 2021

Conteúdo(s) desenvolvido(s): Afro-brasileiros: bantos e sudaneses e o comércio de escravos.

Motive-se! Aprenda! Vídeo: Link: <https://youtu.be/JmhGE7g0QQM>

Afro-brasileiros: bantos e sudaneses e o comércio de escravos.

Reinos e Impérios africanos

O continente africano tem um passado exuberante, muito além das civilizações do Egito e Cartago. Grandes impérios ali floresceram na era antes de Cristo, na idade média e nos séculos seguintes. Por vários motivos declinaram: guerras civis, fragmentações políticas ou pela chegada dos colonizadores. O imperialismo, aliás, submeteu vários povos e dividiu o continente. Essa “partilha” misturou etnias e grupos inimigos, além de interferir nas práticas religiosas e na própria liberdade dos povos. Sociedades tribais organizadas e complexas tinham seus sistemas políticos, econômicos, de crenças e línguas. Uma das cidades, no Império do Mali, era comparada a Paris. Muitas não deixaram vestígios, pois eram baseadas em tradições transmitidas oralmente. Em outros casos, as evidências históricas que restaram foram retiradas de seus locais de origem e passaram a habitar os grandes museus do mundo, como Louvre, em Paris, e o British Museum, em Londres.

Império de Gana ou Wagadu

Existiu de 830 a.C. até por volta do ano de 1235 d.C, com apogeu nos últimos 500 anos. Localiza-se no que é hoje o sudeste da Mauritânia e Mali Ocidental. A capital do império chamava-se KoumbiSaleh e chegou a ter 20 mil habitantes. Consistia em duas cidades, com habitações contínuas, em pedra. Em uma habitava o rei de Gana e na outra os mercadores muçulmanos. Gana era chamada de Costa de Ouro,

por causa da grande quantidade de jazidas. Ainda hoje está entre um dos principais produtores do metal. O império controlava a rota das caravanas de camelos que transportavam ouro e sal (que chegou a valer mais que o ouro) para exportação, rumo ao norte do continente, com eficiente sistema de cobrança de impostos. O declínio se deu por instabilidades políticas internas, até perder força e se fragmentar. Gana também se recusava a seguir a religião islâmica. Em dado momento foi invadida e dominada pelo império mandinka do Mali.

Império do Mali ou Mandinka

Existiu entre os anos de 1230 a 1600, com auge na década de 1350. Possuía imensas minas de ouro em suas fronteiras. Até o início do século 14, foi a fonte de quase metade do ouro e sal do Velho Mundo. A religião predominante era o islamismo, mas havia influências especialmente pagãs, com muito de feitiçaria nas crenças populares. Parte dessas tradições você pode ver no seriado Raíces, produzido e exibido pelo HistoryChannel. O Mali teve um governo semidemocrático, com uma das mais antigas constituições conhecidas do mundo, o Kurukan Fuga. A cidade de Tombuctu foi uma das mais ricas e importantes da região, considerada a Paris do mundo medieval. Sua universidade era um dos maiores centros de cultura muçulmana da época, com 25 mil estudantes. Foram construídas mesquitas, escolas e uma biblioteca que guardava manuscritos que abrangiam todas as áreas de conhecimento do mundo. A decadência do império, no final do século

14, acontece por disputas pela sucessão que enfraqueceram a coroa. As cidades de Tombuctu e Djenné, dois dos maiores centros econômicos, foram designadas pela UNESCO como Patrimônio Mundial. Hoje, infelizmente, o Mali está entre os 25 países mais pobres do mundo. Império do Congo

Estima-se que origens do Império do Congo remontem ao século 14. O sistema econômico e social baseava-se no comércio de marfim, cobres, têxteis e cerâmica, além de escravos e, mais tarde, a borracha. Tudo era transportado pelos gigantescos rios que cortam a região: Cuango, a leste; Ogooué, a norte; e Kwanza, ao sul. A religião cristã foi estabelecida a partir de missões religiosas pela Igreja Católica Romana, via ocupação portuguesa, recebida "cordialmente" ao apresentar suas armas de fogo. As relações com os europeus resultaram num forte comércio de escravos e na venda de prisioneiros de guerra para Portugal e Holanda. Com as riquezas adquiridas, realizaram grandes construções como a Catedral de São Salvador do Congo, em Angola, conhecida como a primeira igreja construída na África subsaariana. Mais tarde, o império do Congo foi dividido entre franceses, portugueses e belgas durante o século 19 e dessa "partilha" originaram-se as atuais República Democrática do Congo (antigo Zaire) e a República do Congo, além do noroeste da Angola.

Tráfico Negroiro

O tráfico negroiro representa a fase em que os negros africanos foram trazidos da África para serem escravos. O comércio de negros africanos como escravos foi uma das principais atividades comerciais dos países dominantes no período de 1501 a 1867.

Comércio África-América

A prática era gerenciada por seis nações: Inglaterra, Portugal, França, Espanha, Países Baixos e Dinamarca. A justificativa comercial para sustentar a exploração de escravos africanos era que somente com os escravos seria possível manter os baixos preços de produtos como açúcar, arroz, café, anil, fumo, metais e pedras preciosas. O tráfico negroiro foi responsável pelo deslocamento forçado de 12,5 milhões de pessoas da África e calcula-se que um terço foi para a América Portuguesa. Esse foi o maior deslocamento involuntário de pessoas durante toda a história. Do total, 12,5% não conseguiram completar a travessia porque morriam ainda nos navios devido às más condições de higiene que permitiam a proliferação de doenças ou aos castigos aplicados para coibir revoltas. Esta prática comercial da escravidão se constituiu no mais importante objetivo de interação entre europeus

e africanos, antes afastados pelo poderio do mar. A descoberta do Novo Mundo possibilitou a ampliação da produção de diversos produtos requisitados pela Europa, contudo, a mão de obra disponível era insuficiente.

As populações indígenas encontradas no novo território, mesmo permanecendo cativos, entraram em colapso em consequência do extermínio físico e das doenças em certos territórios. Já os imigrantes livres ou mesmo os prisioneiros enviados de maneira forçada para a América nunca foram suficientes para preencher as necessidades da produção. Foi o trabalho forçado e não remunerado do africano que garantiu ao consumidor europeu o acesso aos metais preciosos, açúcar, café e outros produzidos nas colônias. Escravos Africanos A explicação para o uso da mão de obra africana forçada nas colônias é alvo de diversas correntes de pesquisas históricas. No início justificava-se que os negros eram inferiores, que haviam perdido uma guerra e assim poderia ser escravizados. Também houve a crença que o negro africano foi escravizado porque o índio não se deixou escravizar ou porque morreu de doenças trazidas pelos colonizadores. A escravidão era uma instituição presente nas sociedades africanas, mas não tinha fins comerciais, e representava dominação e poder do mais forte sobre o fraco. Nos meandros das sociedades africanas, o domínio europeu também foi favorecido pelos africanos que vendiam escravos para os colonizadores. Os inimigos eram a única "mercadoria" que eles tinham para oferecer e assim, poder comprar os valiosos objetos trazidos pelos europeus. Em posse de vigorosa tecnologia náutica, os europeus transportavam os africanos de maneira forçada até o outro continente e lhes negava o direito à própria vida. Estes eram entregues aos futuros proprietários nas fazendas de açúcar e café. Rotas os escravos cativos foram transportados por diversas rotas saindo da África. Antes mesmo do início da exploração comercial em larga escala, havia rotas para a Europa pelas ilhas do Atlântico e Mar Mediterrâneo. Estes teriam sido os primeiros a partirem forçosamente para a América para trabalhar nas plantações de açúcar. O setor açucareiro absorveu 80% dos negros retirados da África. Havia dois pontos, o norte, de expedições que partiam da Europa e da América do Norte; e o Sul, partindo do Brasil. Os portos que mais recebiam negros estavam localizados no Rio de Janeiro, em Salvador (BA) e Recife; na Inglaterra destacam-se Liverpool, Londres e Bristol. Na França, a cidade de Nantes era um importante local de venda de escravizados. Juntos, esses portos foram responsáveis por receber 71% dos escravos. Os

principais pontos de partida na África estavam localizados em Senegâmbia, Serra Leoa, Costa do Marfim, Costa do Ouro, Golfo do Benim e, principalmente, a África Centro-Occidental.

ATIVIDADE

1) O Reino de Gana destacou-se pela produção de um produto que abasteceu por um longo período as regiões mediterrâneas africanas e europeias. Esse produto era:

a) Ferro; b) Diamante; c) Ouro; d) Cobre; e) Níquel.

2. No mundo árabe, países governados há décadas por regimes políticos centralizadores contabilizam metade da população com menos de 30 anos; desses, 56% têm acesso à internet. Sentindo-se sem perspectivas de futuro e diante da estagnação da economia, esses jovens incubam vírus sedentos por modernidade e democracia. Em meados de dezembro, um tunisiano de 26 anos, vendedor de frutas, põe fogo no próprio corpo em protesto por trabalho, justiça e liberdade. Uma série de manifestações eclode na Tunísia e, como uma epidemia, o vírus libertário começa a se espalhar pelos países vizinhos, derrubando em seguida o presidente do Egito, Hosni Mubarak. Sites e redes sociais – como o Facebook e o Twitter – ajudaram a mobilizar manifestantes do norte da África a ilhas do Golfo Pérsico. SEQUEIRA, C. D.; VILLAMÉA, L. A epidemia da Liberdade. Isto é Internacional. 2 mar. 2011 (adaptado). Fonte:

<https://www.mundovestibular.com.br/simulados/simulado-de-historia>

Considerando os movimentos políticos mencionados no texto, o acesso à internet permitiu aos jovens árabes:

- a) Reforçar a atuação dos regimes políticos existentes;
- b) Tomar conhecimento dos fatos sem se envolver;
- c) Manter o distanciamento necessário à sua segurança;
- d) Disseminar vírus capazes de destruir programas de computadores;
- e) Difundir ideias revolucionárias que mobilizam a população.

3. (UFG-2012) Leia o texto a seguir.

Por mais que retrocedamos na História, acharemos que a África está sempre fechada no contato com o resto do mundo, é um país envolvido na escuridão da noite, aquém da luz da história consciente. O negro

representa o homem natural em toda a sua barbárie e violência; para compreendê-lo, devemos esquecer todas as representações europeias. Devemos esquecer Deus e as leis morais. HEGEL, Georg W. F. Filosofia da história universal. Apud HERNANDEZ, Leila M.G. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 20-21. [Adaptado]

O fragmento é um indicador da forma predominante como os europeus observavam o continente africano no século XIX. Essa observação relacionava-se a uma definição sobre a cultura, que se identificava com a ideia de:

- a) progresso social, materializado pelas realizações humanas como forma de se opor à natureza;
- b) tolerância cívica, verificada no respeito ao contato com o outro, com vistas a manter seus hábitos;
- c) autonomia política, expressa na escolha do homem negro por uma vida apartada da comunidade;
- d) liberdade religiosa, manifesta na relativização dos padrões éticos europeus;
- e) respeito às tradições, associado ao reconhecimento do valor do passado para as comunidades locais.

4. Sobre as religiões tradicionais africanas, analise as afirmações abaixo e marque a incorreta:

- a) As religiões tradicionais são vistas pelas religiões de matriz europeia muitas vezes como práticas de feitiçaria e magia;
- b) Referência aos espíritos das árvores, pedras, dentre outros, e aceitam a coexistência com forças desconhecidas;
- c) Cada povo africano tem suas explicações mitológicas para explicar suas origens. Estas religiões tradicionais possuem, via de regra, um panteão e estão voltadas ao culto dos antepassados e das divindades da natureza;
- d) A forma mais conhecida destas religiões envolve o culto aos Orixás (divindades de origem Ioruba ou Nagô) e englobam uma ampla variedade de crenças e ritos;
- e) Uma das coincidências ao se analisar e comparar as religiões, percebe-se que tanto as de matriz europeia como as tradicionais africanas cultuam a trindade, ou seja, a crença no Deus pai, Deus filho, e Deus espírito.

5. Com base na leitura do texto do roteiro sobre a África atual, podemos inferir que a realidade de

pobreza e miséria a que o continente está submetido pode ser explicada historicamente por:

- a) Pela falta de ajuda externa;
- b) Pela prática da escravidão existente entre as populações africanas;
- c) Pela falta de investimento em educação e políticas públicas;
- d) Pelas intempéries impostas pela natureza como por exemplo, a fome;
- e) pela ingerência das potências (sobretudo as europeias através do neocolonialismo) o que gerou pobreza e miséria e subdesenvolvimento.